

IRMÃS FRANCISCANAS NO RIO GRANDE DO SUL E COMPROMISSO EDUCACIONAL

*Irmã Irani Rupolo**

A partir dos ensinamentos de Francisco de Assis, que constituem sua utopia, seus seguidores construíram uma visão filosófica e sistematizaram a teoria denominada humanismo franciscano. Mais que uma doutrina, trata-se de um estilo de vida, pautado pela convivência fraterna, pela prática do bem e pela promoção da paz.

A proposta educativa das escolas franciscanas, por seu turno, segue a inspiração inicial de Catarina Daemen, cuja pedagogia nasceu de uma necessidade local, na Europa do século XIX. Na sua esteira, reconhece-se também a ação pedagógica da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte. Entretanto, atendendo às demandas do mundo moderno, hoje a missão franciscana pretende harmonizar sua prática de ensino escolar com a formação científica, condição necessária para a convivência com os avanços tecnológicos e sua humanização em favor da sociedade.

A obra educacional de Catarina Daemen

Transcorria o século XIX e os tempos não eram de todo favoráveis à vida social, econômica e política. Havia tensões entre Igreja e Estado em

* Reitora do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria (RS).

decorrência da Revolução Francesa. O racionalismo e o iluminismo estavam disseminados nos círculos intelectuais; a situação sócio-econômica apresentava problemas graves com o empobrecimento crescente da maioria da população. A educação, deficiente desde o período do domínio francês, não era obrigatória e não apresentava perspectivas de melhoria. Nesse contexto viveu Catarina Daemen.

Catarina Daemen nasceu em 1787 no povoado de Ohé-en-Laak, à margem do rio Mass, em terras do Médio Limburgo. Filha de camponeses, talvez não tivesse em sua infância grandes perspectivas de futuro. Nessas terras de solo arenoso e seco, os camponeses afadigavam-se sem ter reconhecida produção. Laak, por volta de 1800, era um povoado constituído de duzentos habitantes, vivendo principalmente do trabalho agrícola. Pelas condições locais, sabe-se que as crianças teriam pouco acesso aos estudos, uma vez que os pais preferiam que não fossem à escola para não serem influenciadas por idéias iluministas ali transmitidas. Nesse período, a Província de Limburgo encontrava-se sob o domínio de Paris. Cools & Winpersee (1966) reconhecem que esses fatores históricos e culturais influenciaram a formação de Catarina, pois que a ênfase na educação não está circunscrita à ação da escola, mas encontra-se em consonância com a comunidade local e as questões educativas extrapolam o ambiente escolar.

O ingresso de Catarina na Ordem Franciscana Secular data de 12 de outubro de 1817. Isto significou para ela o fundamento de sua opção de vida e a preparação para a atividade que desenvolveria na escolinha de Heythuysen: o atendimento das crianças, que foram atraídas pela sua presença terna e acolhedora. Era algo muito simples: os elementos que compunham sua atividade delimitavam-se pela lógica do doméstico, mais próximo do cuidado com a vida pela qual se pautava a intuição.

As dificuldades e limitações com a falta de condições físicas e de preparo profissional não conseguiram tirar-lhe a liberdade de sonhar e de teimar, que bem indica a grandeza de sua personalidade e de sua prática. Tal atitude manifesta, antes de tudo, amor pela vida. Sua capacidade de adaptar-se à situação da comunidade e ajudar os habitantes a solucionar problemas do dia-a-dia, denota que havia uma perspectiva, um ideal a ser realizado e seu desejo pessoal buscava caminhos para iniciar a atividade que o futuro lhe reservava. Sabia que não estava expondo a vida inutilmente. Sua originalidade, qualidade um pouco inquietante, foi sendo logo percebida. O modo de fazer as coisas, as tarefas quotidianas, etapa por etapa, esse caminho foi determinando o processo para chegar ao objetivo.

No dia 11 de fevereiro de 1836, começou oficialmente a vida conventual de Catarina Daemen, a partir de então, Irmã Madalena, e de suas

primeiras Irmãs. Somente em 1834, isto é, após nove anos já cumpridos na localidade, mudou-se para o lugar desejado, onde haveria espaço para moradia e escola. A partir de 1835, com o início do internato, começa a implantar-se uma estrutura um pouco mais organizada. Teresia Rooyackers, uma das companheiras de Catarina Daemen, era pessoa qualificada para o ensino. Dava aulas de leitura e escrita, e, especialmente, de trabalhos manuais. Mas não tinha autorização para ensinar todas as disciplinas da escola fundamental, que se desenvolveu e se transformou após duas décadas, com a abertura do poder estatal em relação às escolas confessionais.

A instituição ampliou sua área de atuação, abrangendo também a promoção cultural da juventude, à qual possivelmente era ministrado o ensino das ciências, da lingüística e as matérias de cultura geral. Já se configura uma organização escolar com currículo oficial, embora conste que as filhas de famílias mais notáveis da vila buscavam o Kreppel – local onde se situava a escola – para aprender, conforme a cultura da época, os trabalhos manuais.

Somente a partir de 1848 foi permitida a liberdade de ensino, observando, porém, o Estado, o direito de controlar a qualidade, a habilitação dos professores e a posição filosófica da escola. Na década seguinte, nova regulamentação legal ratificou a liberdade de ação pedagógica. Não aboliu, no entanto, o controle do Estado sobre as instituições, o qual determinava inclusive as disciplinas obrigatórias e as facultativas.

Situada nesse contexto, pode-se entender porque a escolinha de Catarina Daemen em Heythuysen consistia somente no ensino de leitura, escrita, atividades manuais e formação religiosa. Não estava sujeita a nenhum programa oficial e não dependia do controle estatal. O pequeno grupo de crianças atendidas não significava nenhuma ameaça, mesmo porque a educação não chegava a constituir prioridade para o poder público.

É nesta realidade que se situa a utopia de Catarina Daemen. Ela nasce encarnada. Nasce no lugar e para o lugar em que convive, como resposta à necessidade real de uma localidade, de um povo. A educação que propõe é para viver, não tanto para conhecer muitas coisas ou para trabalhar. O olhar atento a essa realidade faz perceber porque, sendo uma época de mudanças sociais, de novas modalidades de relações, de busca do trabalho lucrativo desencadeando novas necessidades e exigindo respostas novas, ela mesma confiou às suas companheiras a continuidade da obra iniciada, permitindo-se acompanhar o desenvolvimento como quem cerca de cuidados a semente que plantou.

Contudo, não se esgota aí o ideário de Catarina. Se o ensino oficial garantia o cultivo da razão e fazia a defesa do conhecimento mediante o ensino

das ciências, na proposta de Catarina cultivavam-se os valores humanos, em que se distinguem o gosto pelo belo, a simplicidade da vida e o respeito, a reverência pela pessoa, o desenvolvimento da sensibilidade, a convivência alegre.

Sem dúvida, a liberdade de ensino que começou a vigorar a partir da década de 1850 deve ter contribuído também para a progressiva organização da instituição escolar. Do ano de 1857 há uma indicação de que a escola estava obedecendo a um programa oficial, informando sobre o conteúdo das disciplinas, os livros em uso, os exames realizados, a necessidade de modificações.

A pedagogia de Catarina Daemen se consolidou pelo trabalho de um grupo de religiosas, primeiro sob a liderança de Teresia Royachers e, posteriormente, dentre outras, com a experiência de Angela von Cordier, mulher nobre e culta, proprietária da Ilha de Nonnenwerth, no rio Reno. Merece referência especial a contribuição de Gerardus Hendricus Laus, excelente pedagogo, citada pelas cronistas: “foi o homem certo no lugar certo” (Cools & Winpersee, 1966). Seu trabalho e dedicação tiveram grande reconhecimento. Pelo período de oito anos (1862-1869) foi diretor do Curso Normal no Colégio de Heythuysen. As alunas aí formadas que prestassem os exames oficiais podiam habilitar-se para o ensino nas escolas primárias e secundárias. O trabalho educacional das Irmãs Franciscanas era solicitado por autoridades políticas e da Igreja, e recomendado por familiares e ex-alunas do internato e externas.

Que aspectos atendia a educação aí desenvolvida?

A escola, primeiramente, se não possuía um projeto educativo explicitado teoricamente, tinha um ideário: a educação que nascera naquele lugar e para aquele lugar com um motivo humano e social muito claro – a educação das crianças para a vida. Poderá ter incorporado, posteriormente, por circunstâncias históricas e culturais, acompanhando a evolução das teorias pedagógicas, outros objetivos de ensino, porém estes não chegam a obscurecer o ideal primeiro: não tanto a preocupação de preparar o aluno para o futuro como profissional ou engajado no mundo do trabalho, senão como pessoa, com possibilidades de superar suas limitações e construir-se progressiva e indefinidamente.

Tratar da visão franciscana na pedagogia de Catarina talvez seja o ponto mais complexo, pois se refere à convergência de duas idéias-chave: visão e pedagogia franciscanas. O distanciamento histórico dificulta interpretar o contexto da época e os documentos escritos fornecem, com limitações, elementos que compõem não tanto as circunstâncias, mas o aspecto mais pessoal e o ideal alimentado.



Pouy 96

Cena Curitibana

Poty 1996

(Igreja da Ordem Franciscana ao fundo)

Consideradas as dificuldades de interpretação pode-se partir de dois pressupostos: Catarina viveu a espiritualidade franciscana e iniciou uma obra educacional. Comprovadas essas duas afirmações, é na confluência da vida com a atividade educacional que se encontram os pontos de referência que caracterizam o ideário e a prática educativa de Catarina Daemen. Foi por escolha própria que, em Maesik, aderiu à Terceira Ordem Secular e seguiu a espiritualidade capuchinha-franciscana. Essa informação muito simples é confirmada por documentação oficial, que atesta a fundação da congregação religiosa franciscana seguindo os ideais transmitidos pelo estilo de vida de seu primeiro fundador e com diretório próprio.

O estilo de vida e os valores assumidos tiveram repercussão no fazer educativo de Catarina e suas Irmãs. O trabalho, certamente, deve ter inspirado o ser, pois é o modo de ser que decorre do agir. Portanto, a ação delineia a essência das pessoas, sendo que a prática humana contribui, com feições diferenciadas, conforme a cultura ou as circunstâncias, na construção da história.

Pode-se inferir, especialmente pelos escritos de Cools & Winpersee (1966), que alguns aspectos da vida e da atividade educativa do grupo de Catarina Daemen revelam traços de um trabalho voltado para a vida, próximo do concreto, do real. Essa atividade foi sendo progressivamente organizada sem compromisso com o aspecto legal, pois a escola não estava sujeita a nenhum programa oficial, o que lhe permitia um modo autônomo de direcionar o ensino e outras ações educativas. Esse é um jeito muito próprio do pensamento franciscano: fazer uma pedagogia – na acepção original do termo – como o que conduz, e segue junto. Uma pedagogia não preocupada com a organização, com o que é oficial e legalmente determinado. Há nesta visão uma certa rebeldia à imposição de normas; há desejo de liberdade para deixar fluir o aprendizado próximo da vida, em sintonia com o cotidiano. Pode-se afirmar também que, a partir da vida diária do grupo consolidou-se o mais importante: o estar-junto. A vida comunitária criou um forte laço de comunhão, que progressivamente fortaleceu o projeto.

As escolas franciscanas no Brasil

A congregação das Irmãs Franciscanas estendeu-se pela Alemanha nas primeiras décadas de sua existência desenvolvendo o ensino, a assistência social e a saúde em diversas instituições. Conquistada uma certa estabilidade subsequente a essa expansão, não houve tempo para continuar com tranquilidade as metas alcançadas, pois irrompeu o movimento de controle ideológico do governo prussiano denominado *Kulturkamp*, que

interditou os trabalhos de pessoas e congregações religiosas ligadas à Igreja Católica impedindo-as mesmo de manterem instituições de ensino.

As Irmãs Franciscanas tiveram cerceados seus espaços de atuação nas escolas podendo permanecer somente nos hospitais. Tornou-se difícil conviver com a paralisação de tudo o que haviam construído, não apenas as propriedades, mas especialmente os laços profissionais e espirituais. Restava-lhes como alternativa buscar outras formas ou locais de trabalho.

Se algum proveito pudesse resultar dessa opressão, semelhante ao que a sucessão das horas faz acontecer na natureza, à noite sucedeu a aurora. E nessa situação apresentava-se a possibilidade de as Irmãs irem às missões de além-mar.

Havia algumas décadas, em consequência da industrialização que causara desemprego e empobrecimento nos países germânicos, desencadeara-se a imigração de alemães para o Sul do Brasil pelo entendimento dos governos brasileiro e germânico.

No Rio Grande do Sul, os imigrantes se estabeleceram na região do Vale do Rio dos Sinos. Na precariedade das condições locais, viviam desprovidos de quaisquer meios de acesso à saúde, educação, prática da religião e vida social. Buscaram apoio junto a alguns padres jesuítas que, recém-chegados atuavam com certa precaução, pois ainda vigorava a lei do Marquês de Pombal que havia ordenado a expulsão daqueles religiosos. Esta situação se reverteu paulatinamente a partir do início do século XIX, cessando com a proclamação da República. Sensível à realidade dos imigrantes e conhecedor da situação política da Alemanha, o Superior dos padres Jesuítas no Sul do Brasil solicitou às Irmãs Franciscanas que, por seu preparo e experiência pedagógica, prestassem serviços aos imigrantes alemães ali fixados. Despertadas pelas urgências da época, em resposta a esse chamamento deslocou-se um grupo para o Brasil, mais especificamente para São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, onde chegaram aos dois de abril de 1872, com a finalidade de se dedicar à educação da juventude feminina.

O Estado brasileiro, na época sob regime monárquico, não possuía uma política educacional. A infância e juventude eram desassistidas no que se referia ao ensino, à exceção de algum atendimento nas capitais, apenas para os filhos da elite. Havia, indubitavelmente, uma necessidade educacional a ser atendida e que progressivamente foi organizada.

As contínuas solicitações da presença de irmãs foi estendendo seu trabalho em dezenas de cidades no estado do gaúcho, inicialmente em Santa Cruz do Sul e Porto Alegre. Passados alguns anos, criaram-se instituições de assistência social, de saúde ou de ensino em Rio Grande, Pelotas, Bagé, Santa Maria, Cruz Alta. Muito significativo foi, em 1903, o fato da

organização legal da mantenedora, registrando-se como entidade jurídica de caráter literário e científico denominada Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis. Posteriormente, aos 31 de julho de 1951, em vista de melhor administrar as instituições, foi esta desmembrada, criando-se nova sede na cidade de Santa Maria com a denominação de Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte, SCALIFRA-ZN.

A SCALIFRA-ZN surgiu experiente, pois ao ser instituída possuía o conhecimento e a prática acumulados nas várias décadas de trabalho e herdou além da experiência, o patrimônio e a administração de sete escolas que ministravam o ensino primário, ginásial, científico e curso normal: Colégio Sant'Anna e Orfanato São Vicente de Paulo em Santa Maria, Escola Normal Santíssima Trindade em Cruz Alta, Ginásio Santa Rosa de Lima em Santa Rosa, Escola Normal Espírito Santo em Bagé, Escola Imaculada Conceição em Jaguarão, Escola Madre Madalena em São José do Inhacorá. Assumiu também a administração de casas de saúde e hospitais.

Sob diversos ângulos, a SCALIFRA-ZN tem a marca da expansão: em número de membros nas duas primeiras décadas com um grande aumento de associadas; em distâncias geográficas, pois estendeu-se aos estados do Paraná, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia e Distrito Federal; na ampliação de atividades e de novas instituições. Decorridos somente quatro anos de sua criação, introduziu em sua administração instituições de ensino superior como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição e a Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira. Atualmente, mantém dez escolas que ministram Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio e o Centro Universitário Franciscano que desenvolve Ensino Superior. É uma entidade que, através da ação pedagógica, situada na realidade e atenta ao progresso da ciência, promove o saber humano sem descuidar do cultivo dos valores nas relações sociais. Tem, portanto, uma proposta educativa própria, que objetiva manter a formação da pessoa situada como ser histórico, cultural, social e espiritual. Existe, pois, uma unidade nos princípios e no delineamento das políticas educacionais.

Inicialmente as escolas franciscanas caracterizavam-se por um sistema tradicional, com rigor disciplinar, o regime de internato que, além das disciplinas curriculares, pelo ensino de tempo integral, oferecia estudos complementares de teatro, música, canto, pintura... A maioria das escolas oferecia os cursos primário e ginásial e, nas localidades com maior número de habitantes como Bagé ou Cruz Alta, havia a formação de professoras primárias.

A percepção dos avanços sociais e das novas teorias pedagógicas determinou mudanças: do rigor da disciplina ao diálogo, à atitude de que é possível aprender alguma coisa daquele que tem o pensar e o saber diferentes dos que dominamos. Seguem-se, a partir dos anos sessenta, novos moldes na educação, conseqüência de movimentos sociais, da política desenvolvimentista e de uma tardia influência escolanovista na educação brasileira. Depois, a reforma do ensino, com a reestruturação dos cursos de 1º e 2º graus pela Lei 5692/71, na década de setenta, introduziu o enfoque na profissionalização técnica em nível de 2º grau. Um ensino tecnicista para atender o incipiente mercado da indústria em transformação.

Algumas reflexões sobre pedagogia

Já se tornou usual tratar a pedagogia como uma ciência prática. Precisamente por isso, ela é reconhecida em todos os seus campos como a elaboração teórica das experiências práticas. Essa relação teórico-prática é essencial para a formulação metodológica, determinando procedimentos para o educador ou para a formação de professores. Mas são os fundamentos filosóficos que devem pautar invariavelmente a práxis pedagógica.

Em todo fazer educativo há uma concepção de homem, de mundo e de pedagogia. Em outras palavras, toda prática pedagógica é determinada por uma teoria educativa que, por sua vez, é tributária de uma concepção filosófica, ligada a uma prática social que determina o posicionamento diante do mundo, do homem e da sociedade. A ação pedagógica construída a partir de uma sólida base filosófica pode contribuir para o processo de mudança social, numa reciprocidade dialética entre proposta e resposta, entre teoria e prática. Para isso é importante que o posicionamento pedagógico tenha clareza de seu núcleo epistemológico conceitual.

Assim, a ação das escolas da SCALIFRA-ZN fundamenta-se na teologia cristã, inspirada na espiritualidade franciscana. Há um fio condutor, não de diretivas metodológicas, mas de diretrizes que orientam o seu pensar e sua cosmovisão. Uma ideologia que tem fundamento antropológico-cristão.

As escolas franciscanas possuem uma prática experienciada do ensino vinculado à realidade ou, se quisermos afirmar de outro modo, um conceito de educação para a vida. Os alunos são desafiados não só a aprender o que determina o currículo, mas a ir além, incorporar novos conhecimentos e superar-se, motivados não pelo desafio competitivo, mas pela libertação pessoal, com vistas a uma atuação consciente como pessoa. Ensina-se a fazer, mas também ensina-se a pensar, a querer e a agir.

O claro-escuro da história expressa a dialética dos fatos da vida e do fazer da história. Entretanto, existe uma consciência progressiva de que estamos no limiar de uma nova mudança no processo civilizatório. Diante do conhecimento dessa realidade e para dar resposta às principais questões da vida, o Plano de Educação das Escolas da SCALIFRA-ZN investe na formação humana propondo-se a criar espaço para a reflexão, compreensão e transformação da realidade.

As fontes geradoras de valores estão na raiz existencial do homem. Na proposta educativa das escolas da SCALIFRA-ZN, “o educando é agente de sua educação, engaja-se com responsabilidade no processo educativo, é consciente de seu valor na sociedade e aprende a refletir, questionar e questionar-se.” O objetivo é baseado na reflexão e não ação, acreditando na sensibilização para o diálogo e a busca da verdade.

Torna-se complexo pretender nomear os valores que compõem a grande riqueza da simbologia franciscana. Francisco não se cansava de elogiar as prerrogativas até do “irmão sol”, do “irmão fogo”. Na linguagem simbólica, o que conta é, antes de tudo, a experiência subjetiva da interpretação. Isto para afirmar que a pessoa, em sua complexidade, não é em dado momento individual, e em outro momento social. Ela é a integração desses componentes, em uma só expressão. Os valores situam-se entre o mundo da necessidade e o da liberdade. Qualquer tentativa de fixação conceitual ou definição fere sua natureza. O valor pode ser discutido, não definido. Os valores não são como um objeto a ser exibido ou apreciado. Eles existem para serem compartilhados. Nesse ponto chegamos ao aspecto das relações, do social.

Na vida de Catarina Daemen os valores não foram teorizados; a educação e a pedagogia têm expressão prática, na convivência. Conforme essa compreensão, pela experiência vivenciada em sua corajosa pedagogia do oprimido, afirma Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa: os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”(1976, p.63). Merino tem uma expressão muito clara do significado de sabedoria na visão franciscana: “En el mundo franciscano no es más sábio el que sabe más cosas, sino el que es más coherente com las cosas esenciales que sabe” (1982, p.45).

Na vertente desse pensar encontra-se Francisco de Assis, cuja “pedagogia” não era fundada em princípios e normas, mas em ensinamentos de vida. Quando alguns irmãos lhe pediram para dedicar-se ao estudo da teologia, a orientação dada por Francisco, conforme escreve S. Boaventura, foi a seguinte: “contanto que não estudem unicamente para saber como falar, mas para pôr em prática primeiro aquilo que tiverem aprendido e,

depois de terem posto em prática, para ensinar aos outros aquilo que eles devem fazer.” (Escritos e Biografias de São Francisco de Assis, p. 558).

Pode-se perceber facilmente as razões da opção dos estudiosos do franciscanismo pela linha de pensamento agostiniana, mais prática, comprometida com a promoção do bem e com a formação da vontade. Isto não significa subestimar o conhecimento científico, mesmo por reconhecer que constitui uma conquista do ser humano em seu processo histórico. O que se rejeita é o intelectualismo vazio, o saber pelo saber, que não contribui para a libertação e a humanização do homem.

Na visão atual, o VI Plano de Médio Prazo do setor de educação da SCALIFRA-ZN afirma que “a educação é fundamentada nos princípios evangélicos e sensibiliza a pessoa para o diálogo, a busca da verdade (...) em vista da transformação social” (1988, p.6). Essa proposta abrange o ensino do conhecimento científico e a formação valorativa, tendo o compromisso de dar resposta às necessidades sociais da localidade e o compromisso do respeito à vida. Objetiva uma dinâmica de aprendizagem que envolve a produção conjunta, desenvolvendo a comunicação e a experiência grupal compartilhada. Os resultados de tal educação não se restringem ao espaço escolar. Serão evidenciados em situações além da sala de aula.

Uma proposta educativa cuja visão antropológica afirma a gama de capacidades individuais e sociais da pessoa, pode superar a pedagogia homogeneizante dirigida ao conhecimento e imposta por exigência de uma ordem social e baseada no sistema produtivo. Sobre esses princípios se sustentou a maioria dos projetos pedagógicos ao longo da história, os quais tratam a educação de forma homogênea ou com uma proclamada neutralidade que sempre traz uma opção escondida. A educação enquanto fato humano e, portanto, histórico, envolve sempre uma orientação valórica em relação ao homem em sua experiência existencial. Reafirma-se, portanto, na visão franciscana, uma pedagogia que integra reflexão e ação. A reflexão que provoca a ação e a ação que alimenta a reflexão. Um processo interativo consciente e transformador.

Ao se considerar o ato pedagógico, o trabalho em equipe, adotado não apenas como metodologia, mas como princípio, age eficazmente para superar a atitude individualista. Apóia-se em uma idéia educativa alerta à prática de exclusão dos menos capazes; vai além da dicotomia ensino-realidade, causadora, em grande parte, do fracasso escolar. Há uma trajetória a ser percorrida pela conscientização, pois não se pode negar o valor da participação e a força de uma decisão de grupo.

A educação nunca é um ato individual. É uma tarefa ativa de pessoas que interagem e na interação aprendem e se educam. Descobre-se o

jeito de pensar do outro. Afirma-se o próprio pensar. Escuta-se a opinião do seu semelhante, despertando-se o respeito pela posição diferente. O caminho da participação percorrido no aprendizado conjunto é o caminho da fraternidade.

A proposição de conteúdos de ensino não pode ser tratada com indiferença ou ser orientada por um livro didático ou um programa já existente. Selecionar objetivos e conteúdos de ensino é ato consciente do educador, que submete à apreciação de seus alunos, ou melhor, com eles elabora um conteúdo programático assumido por todos com motivação e interesse. Dessa forma será possível construir o saber compartilhado, pelo compromisso despertado no educando, que teve oportunidade de participar da escolha. Desse processo se conclui sobre a amplitude do conhecimento e da impossibilidade de abrangê-lo no todo. Compreende-se também o seu caráter provisório, em permanente construção.

Assim, o conhecimento em sua mobilidade e a aprendizagem entendida como capacidade sócio-cultural se processam através da participação. Nesse sentido, aprendizagem não é apropriar-se de maior ou menor número de informações. É uma capacidade sócio-cultural que exige reflexão e habilidade de compartilhar.

A condição básica para o aprendizado em grupo é o diálogo. A disposição para o diálogo e, antes de tudo, o respeito a si mesmo e ao outro; respeito ao diferente. Aceitar o pensar diferente e saber que se pode aprender com as diferenças do outro. “A prática dialógica não significa ausência de conflito”(Streck, 1994), pois sempre haverá divergência na educação. Consciente da importância do diálogo para o desenvolvimento do educando, a proposta franciscana expressa sua crença de colaborar na formação da pessoa mais humana e feliz, através de um processo que “promove o diálogo entre as pessoas, a ciência, a cultura e a fé” (Plano de Educação, p.6). Essa relação dialógica é horizontal, em que a confiança entre as pessoas é consequência lógica. E quanto mais essa confiança se desenvolve, mais os agentes desse processo se sentem comprometidos e assumem sua presença e ação no mundo.

Talvez este seja um mundo sonhado, uma vez que mais se vivencia a competição, o jogo de uns contra os outros na disputa do ter e do poder. A atitude solidária torna a pessoa capaz de indignação diante da injustiça, da ignorância e da indiferença. É este o primeiro passo que, no ambiente escolar, pode ser desenvolvido em gestos de apoio a uma causa comum, até o compromisso de cooperação em ações concretas, em favor de pessoas reais, que têm um nome e um endereço. O exercício da solidariedade requer

a compreensão da diversidade, tão difícil e tão necessária quando se quer construir um mundo melhor.

Considerações finais

Considerada uma utopia, a proposta franciscana continua sendo atual, porque as marcas de sua espiritualidade, profundamente humana, ainda respondem às aspirações de hoje com palpitante vigor.

Cabe destaque à construção do quadro referencial que Catarina Daemen conferiu às escolas franciscanas por ela iniciadas. Fazer uma teoria pedagógica de sua prática educativa não escaparia à crítica pela ausência de rigor científico. Contudo, seu pensamento educacional rompe os padrões clássicos e positivistas das ciências, para apresentar uma visão quase anárquica, o que restaura o poder criativo da palavra, pois revela valores não quantificáveis.

Essas considerações, entre outras, mostram a dificuldade de se concluir sobre o tema, especialmente ao convergir a utopia com uma prática educativa, uma pressupondo a outra, sem deixar de atender ao que a sociedade necessita e o que o mercado de trabalho oferece.

Ao afirmar em seu referencial teórico a inserção na realidade, as escolas franciscanas assumem aproximar o conhecimento científico e o cotidiano. Os problemas, as inquietações e aspirações do ser humano devem constituir temas que viabilizem soluções e dêem sentido e expressividade ao ensino em função da vida. A partir da realidade em que se encontra inserida, trabalha-se para superar os problemas do contexto. Essa escola não é lugar onde se ensina. É lugar onde se aprende, se produz conhecimento, se estabelecem relações. É lugar onde se compartilha, se vive a solidariedade, onde se fortalecem os laços, se faz intercâmbio de experiências dos educadores entre si, dos educadores e educandos e entre os educandos. Trabalha a razão e a emoção, considerando a pessoa uma gama de potencialidades não apenas intelectuais, mas lúdicas, artísticas e espirituais. Desenvolve o pensamento capaz de ligar o que está separado e compartimentado. Respeita o diverso ao mesmo tempo que reconhece o uno e procura discutir as interdependências. Destaca a educação voltada especialmente para dois indicadores: a esperança e a paz.

O ensino desenvolve-se através da prática reflexiva capaz de questionar o saber escolar, modelado e organizado conforme os padrões oficiais exigem. O saber, fruto do fazer humano, social e histórico, quando comprometido com a reflexão, capacita a pessoa a apreender o sentido da existência e a pensar o cotidiano e suas implicações. Conceber a produção do

saber como produção social, na qual todos têm direito de participar, não significa equalização das competências. Significa, na visão franciscana, o reconhecimento de que todos têm competência e que as diferenças são enriquecedoras. O saber intelectual deve mergulhar no concreto, no real. O saber só tem sentido à medida que vai sendo renovado e envolve a dimensão coerente do agir. É condição para aprender não ser impermeável a novas idéias, dispor-se a conhecer por si mesmo, não apenas para tomar informações e acumular conteúdos. Só aprende quem compreende o sabor do que já possui, e revela a riqueza de sua identidade.

Se a forma perfeita da existência humana é a liberdade vivida e convivida, a educação deve colocar-se a serviço da libertação da pessoa. Diante da perda do significado da existência para muitos, a proposta franciscana oferece uma concepção do homem como um ser em constante configuração, que se educa na e pela convivência com o outro, mediante o que se humaniza.

As escolas mantidas pela SCALIFRA-ZN têm uma proposta filosófica inesgotável, em termos de possibilidades educativas. No que se refere à pedagogia, constata-se uma teoria pouco definida e pouco abrangente no cotidiano e que merece ser clareada em sua fundamentação e aplicabilidade, para que os componentes curriculares definam, com objetividade, os princípios dos quais são tributários.

Será pertinente refletir sobre a importância da filosofia franciscana no conjunto dos aspectos que definem a instituição escolar: levantar a discussão e posicionar-se pelos referenciais cristãos que oferecem suporte para responder às questões educacionais determinadas pelo momento histórico atual. Especial atenção deve ser dada à formação dos docentes, para que tenham segurança frente ao discurso do ensino modelado pela ideologia da qualidade total. Propõe-se a publicação e estudo de textos bem produzidos, que instiguem e provoquem a transformação das pessoas. A projeção de uma filosofia vai além do ambiente escolar e da família e indiretamente tem impacto social onde alunos e ex-alunos atuam.

Compartilhar essas conclusões proporciona alegria e encoraja a prosseguir o compromisso de sonhar e realizar a educação. As relações sociais na escola freqüentemente são inibidoras do espírito de autoconfiança e de iniciativa. Em contrapartida, a escola franciscana oferece a convivência na liberdade e na participação, com chance de se manifestarem as diferenças.

Temos a firme convicção de que a semente da utopia de Francisco de Assis não se perdeu e confiamos que produza seus frutos – a paz e o bem na vida cotidiana de educadores, funcionários e estudantes.

É preciso, enfim, deixar que a esperança seja vitoriosa, como afirma Thomas Morus em suas últimas palavras: “Confesso que, na República dos Utópicos, existe um grande número de disposições que eu desejaria ver em nossas cidades. Em meu pensamento, seria mais verdadeiro desejá-lo, do que esperá-lo.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COOLS, Angelita; WINPERSEE, Hildegard Van de. *Madre Madalena Damen e sua Congregação: Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã*. Tradução de Ir. Júlia Elvira Steffen. Porto Alegre: [s.d].
- FLESCHE, B. *Seguindo, passo a passo, uma caminhada*. Porto Alegre : Metrópole, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976
- MERINO, J. Antonio. *Humanismo Franciscano: Franciscanismo y mundo actual*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982.
- MORUS, Thomas. *A utopia*. 3.ed. Tradução de Ana Pereira de Melo Franco. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.
- SILVEIRA, Ildelfonso e REIS, Orlando (Org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- STRECK, Danilo Romeu. *Correntes Pedagógicas: aproximações com a teologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.